

# ESTRELAS-DO-MAR E UM ESCRITOR

MARGARIDA CORDO

Um texto que se podia chamar *Fazer a Diferença ou não Valer a Pena*, dizia, mais ou menos, assim: «Era uma vez um escritor que morava numa praia junto a uma colónia de pescadores. Todas as manhãs ele caminhava à beira do mar para se inspirar e, à tarde, ficava em casa a escrever.

Certo dia, no seu passeio, viu um vulto que parecia dançar. Ao chegar perto, reparou que era um jovem que recolhia estrelas-do-mar da areia, para, uma por uma, as devolver ao oceano.

- Porque está a fazer isso? - perguntou o escritor.

- O senhor não vê? - explicou o rapaz - a maré está baixa e o sol está a brilhar. Elas irão secar e morrer se ficarem aqui na areia.

O escritor espantou-se e disse:

- Meu jovem, existem milhares de quilómetros de praias por este mundo e centenas de milhares de estrelas-do-mar espalhadas por tanta areia... Que diferença faz devolver apenas umas poucas de volta ao oceano? A maioria delas vai morrer de qualquer forma.

O jovem pegou em mais uma estrela, “entregou-a” à água, olhou para o escritor e retorquiu:

- Para esta eu fiz a diferença.

Naquela noite o escritor não conseguiu escrever nem sequer dormir, mas, na manhã seguinte, voltou à praia, procurou o rapaz e, juntos, começaram a atirar estrelas-do-mar de volta ao oceano.»

Afinal ser “detentor desta loucura” é não ter medo de mudar o mundo, mesmo que seja só num pequeno areal; amar o que se faz; criar com honestidade; não se iludir com a perenidade planetária; ter coragem, querer influenciar, mas não se inquietar quando parece que não se conseguiu; saber que os seus seguidores não são os que lhe põem “gostos” no facebook, mas os que o imitam, ainda que muitas vezes disfarcem.

Na multiplicidade de cenas e cenários a que estamos sujeitos no séc. XXI, somos invadidos pelos que questionam sem argumentos válidos, mas, aparentemente, lógicos; somos dissecados como se tivéssemos agido sem contexto; somos alvo dos que usam a raiva com o pretexto de se exibirem como arautos da paz; somos meta daqueles que usam

a inveja com a ilusão de que hão de roubar-nos o lugar que inventaram que temos; somos questionados por aqueles que não têm carácter para nos valorizar...

E é exatamente por tudo isto que foge do nosso controlo que fizemos uma enorme descoberta – afinal o que vale a pena é mesmo só o amor; a coragem de o praticar sem contabilizar nada; a força da genuinidade liberta da sombra imaginada de quem pode aparecer subitamente ao nosso lado; o destemor de não se deixar adoecer de vazio, jogo, estratégia, disfarçados de amigável generosidade.

E depois das descobertas vêm as grandes aprendizagens e os modelos que alguém propôs, agora não na praia, mas caminhando por um bosque:

«Estou a tentar aprender (...) que ser gentil é mais importante do que estar certo; que sempre posso fazer uma oração por alguém quando não tenho como ajudá-lo de alguma outra forma; (...) que não importa quanta seriedade a vida exija, mas cada um de nós precisa de um amigo brincalhão, para se divertir com ele.

Tento não esquecer que os passeios simples, (...) quando eu era criança, criaram maravilhas em mim, quando me tornei adulto; (...) que são os pequenos acontecimentos diários que tornam a vida espetacular; (...) que deveríamos ser gratos a Deus por não nos dar tudo o que lhe pedimos; (...) que ignorar os factos não os altera; (...) e que quem nos quer realmente jamais se interporá no nosso caminho, a menos que estejamos a cair de um precipício; (...) que ninguém é perfeito até que alguém se apaixone por essa pessoa (...); que devemos sempre ter palavras meigas e gentis, pois amanhã talvez tenhamos que “engoli-las”; (...) que um sorriso é a maneira mais barata de melhorar a aparência; (...) que não podemos escolher como nos sentimos, mas podemos escolher o que fazer com isso; (...) que todos, de alguma forma, queremos viver no topo da montanha, mas toda a felicidade e crescimento ocorrem quando se está a escalá-la; (...) que todos podem duvidar das nossas palavras, mas, com toda a certeza, acreditarão nas nossas ações; (...) que, quando o ancoradouro se torna amargo, a felicidade vai aportar noutra lugar; (...) e que aquela se encontra ao longo do caminho, (...) não apenas no seu final (...).»